

# A África colonial portuguesa no olhar de Emilio Cecchi

## António Fournier

*Quell'aria di primo Ottocento ch'è in tutto il Portogallo, e che sembra evocare un odore delicato di rinchiuso e di canfora.*

Emilio Cecchi, *Viaggi e vagabondaggi*

Lendo *Appunti per un periplo dell'Africa*<sup>1</sup> de Emilio Cecchi, volume que reúne quase todas as crónicas que o escritor escreveu para o *Corriere della Sera* a propósito do seu périplo pela África colonial portuguesa durante o Verão de 1939, integrado na comitiva do então presidente da República, general António Carmona, e folheando os dois álbuns de fotografias relativos a essa mesma viagem, intitulados *Alguns aspectos da viagem presidencial às colónias de Cabo Verde, S. Tomé, Moçambique e Angola e da visita do Chefe de Estado à União Sul-Africana*, publicados em 1940 pela Agência Geral das Colónias, os dois testemunhos parecem ter tido por objecto duas realidades distintas. Salvo raras excepções, dir-se-ia que o texto do primeiro conta uma coisa e as imagens do segundo descrevem outra completamente diferente, como dois carris que partindo do mesmo ponto, correm paralelamente sem nunca se interceptarem, o que de resto, como diria Mario Praz, amigo de Cecchi, “é fatalmente humano e filosoficamente se configura como tranquila observação da realidade bifronte”.<sup>2</sup> Não só porque a objectiva oficial foca invariavelmente multidões entusiásticas

<sup>1</sup> Cfr. E. Cecchi, *Appunti per un periplo dell'Africa*, Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi, 1954.

<sup>2</sup> Cfr. M. Praz, *Lettere a Bruno Migliorini*, Firenze, Sansoni, 1983, p. 45 (*tradução nossa*).

e jogos cénicos grandiosos, como pano de fundo para as recepções, os discursos, as paradas e os banquetes presenciados pelo Chefe de Estado português e pelo Ministro das Colónias, mas também porque a enorme curiosidade intelectual de Cecchi estava bem longe de se deixar confinar ao cerimonial do Estado Novo.

O irónico e requintado Cecchi, que tinha sido um dos primeiros signatários do *Manifesto dos intelectuais antifascistas* impulsionado por Benedetto Croce em 1925, conhecia bem a retórica colonial, estivera em 1937 juntamente com outros jornalistas italianos, numa Líbia recém-unificada debaixo do domínio italiano, acompanhando o governador geral Italo Balbo, e viajara também pelo México onde se apercebera das condições de pobreza dos *peones* e pelos Estados Unidos, onde retratara, não sem sarcasmo, a outra face do *New Deal* de Roosevelt, notando como os negros eram forçados a viajar no fundo dos autocarros. No México aprendera que quando uma índia Navajo acaba de bordar uma toalha, deixa sempre nela um pequeno remendo, para que a sua alma não fique para sempre prisioneira. Isso tinha merecido a Cecchi a arguta reflexão segundo a qual é preciso “evitar deliberadamente uma perfeição demasiado aritmética e bloqueada”, pois as linhas da obra, saldando-se invisivelmente umas às outras “criariam um labirinto sem saída, um código, um enigma de que se perdeu a chave” acabando por “enredar no engano o próprio espírito que o criou”.<sup>3</sup> Por isso, o escritor sabia provavelmente que além da moldura das manifestações colectivas de júbilo e das criancinhas a oferecer flores, dos cenários grandiloquentes com os estandartes e pendões com a cruz de Cristo, do folclore indígena dos guerreiros com azagaias e cabeças emplumadas simulando ataques, das paradas da Mocidade portuguesa com a saudação romana e da propaganda do Estado Novo apelando à coesão e à unidade da nação, havia ali um *quia imperfectum*, uma fractura por onde o próprio Império português se esvairia.

Viajando, por outro lado, durante quase três meses a bordo de um navio de passageiros, forçado a conviver todos os dias com as mesmas caras, trocando estrategicamente de comensais à mesa e começando pouco a pouco a escolher os seus companheiros de viagem, mais “por recíproca

<sup>3</sup> Cfr. E. Cecchi, *Messico*, Firenze, Vallecchi, 1948, p. 57 (*tradução nossa*).

e instintiva adaptação do que por selecção deliberada”,<sup>4</sup> ouvindo vezes sem conta a inevitável comparação entre dois países latinos unidos no mesmo destino de povo de poetas e marinheiros, aceitando com simulada aquiescência a reiterada litania da cruz e da espada e da missão civilizadora de Portugal em África, mas também usufruindo do requinte e do luxo de uma ilusão sublime e algo ridícula, Cecchi acabou por ter acesso a dois portuais: o Portugal do vasto império colonial que se esforçou por conhecer fora da “zona de conforto” oficial e o Portugal doméstico das intrigas comezinhas, das públicas virtudes e dos vícios privados. Em síntese, um império de trazer por casa, um pequeno mundo fechado, feito de rendilhados e filigranas, aquilo a que ele aplicará por extensão o conceito de *manuelino*.

Nas crónicas que redige para os seus leitores italianos, contando episódios pessoais de contacto com a realidade humana com que se depara em Cabo Verde, São Tomé, Moçambique, Angola, de onde não está ausente diga-se algum etnocentrismo, não deixará de realçar “aquela cordialidade própria dos portugueses, que é das coisas mais preciosas do mundo”.<sup>5</sup> Ao invés, nos seus apontamentos pessoais anotará que: “A cortesia dos portugueses é, no fundo, receio: cortesias, para terem a certeza de receber o mesmo. Uma cortesia mundana, não espiritual. Praticam o *manuelino* na cozinha, na pastelaria, e até ao fazerem a dobra dos cobertores na cama”.<sup>6</sup> Na crónica “Fogos de artifício”, a que assiste impressionado em Lourenço Marques, Cecchi irá mais longe, considerando que para alguém como ele, nascido em Florença, o estilo *manuelino* pouco interesse suscita e que na arquitectura, na cozinha e na arte do mobiliário, pode até ser detestável. Mas na “pirotecnia à portuguesa” é perfeito e chega à magnificência.<sup>7</sup> Consultando, por outro lado, o *Portugal* de Keyserling, que leva consigo como guia para tentar penetrar os meandros mais recônditos de uma cultura que desconhecia – como em 1954, haveria de fazer Eugenio Montale, socorrendo-se das páginas portuguesas de *Jeune*

<sup>4</sup> Cfr. E. Cecchi, *Appunti*, cit., p. 98 (*tradução nossa*).

<sup>5</sup> *Ivi*, p. 38 (*tradução nossa*).

<sup>6</sup> Cfr. E. Cecchi, *Taccuini*, a cura di N. Gallo e P. Citati, Milano, Mondadori, 1976, p. 557 (*tradução nossa*).

<sup>7</sup> Cfr. E. Cecchi, *Appunti* cit., p. 60 (*tradução nossa*).